

# AFRICAN JOURNAL OF LITERATURE AND HUMANITIES

vol.1/Issue 2

Mai 2020



[www.afjoli.com](http://www.afjoli.com)

ISSN 2706-7408

**EDITORIAL BOARD**

**Managing Director:**

- LOUIS Obou, Professor, Félix Houphouët-Boigny University (Côte d'Ivoire)

**Editor-in-Chief:**

- Lèfara SILUE, Senior Lecturer, Félix Houphouët-Boigny University (Côte d'Ivoire)

**Associate Editors:**

- Moussa COULIBALY, Senior Lecturer, Félix Houphouët-Boigny University (Côte d'Ivoire)
- Anicette Ghislaine QUENUM, Senior Lecturer, Abomey-Calavi University (Bénin)
- Pierre Suzanne EYENGA ONANA, Senior Lecturer, Yaoundé 1 University (Cameroun)
- Djoko Luis Stéphane KOUADIO, Associate Professor, Félix Houphouët-Boigny University (Côte d'Ivoire)
- ADJASSOH Christian, Associate Professor, Alassane Ouattara University (Côte d'Ivoire)
- Boli Dit Lama GOURE Bi, Associate Professor, I N.P H.B, Yamoussoukro (Côte d'Ivoire)

**Advisory Board:**

- Philippe Toh ZOROB, Senior Lecturer, Alassane Ouattara University (Côte d'Ivoire)
- Idrissa Soyiba TRAORE, Senior Lecturer, Bamako University (Mali)
- Nguessan KOUAKOU, Associate Professor, Ecole Normale Supérieure, (Côte d'Ivoire)
- Aboubacar Sidiki COULIBALY, Associate Professor, Bamako University (Mali)
- Paul SAMSIA, Associate Professor, Yaoundé 1 University (Cameroun)
- Justin Kwaku Oduro ADINKRA, Senior Lecturer, Sunyani University (Ghana)
- Lacina YEO Senior, Lecturer, Félix Houphouët-Boigny University (Côte d'Ivoire)

**Editorial Board Members:**

- Adama COULIBALY, Professor, Félix Houphouët-Boigny University (Côte d'Ivoire)
- Alembong NOL, Professor, Buea University (Cameroun)
- BLEDE Logbo, Professor, Félix Houphouët-Boigny University (Côte d'Ivoire)
- Bienvenu KOUDJO, Professor, Abomey-Calavi University (Bénin)
- Clément DILI PALAÏ, Professor, Maroua University (Cameroun)
- Daouda COULIBALY, Professor, Alassane Ouattara University (Côte d'Ivoire)
- DJIMAN Kasimi, Professor, Félix Houphouët-Boigny University (Côte d'Ivoire)
- EBOSSE Cécile Dolisane, Professor, Yaoundé 1 University (Cameroun)
- Gabriel KUITCHE FONKOU, Professor, Dschang University (Cameroun)
- Gnéba KOKORA, Professor, Félix Houphouët-Boigny University (Côte d'Ivoire)
- Irié Ernest TOUOUI Bi, Professor, Félix Houphouët-Boigny University (Côte d'Ivoire)
- Jacques Sassongo SILUE, Professor, Félix Houphouët-Boigny University (Côte d'Ivoire)
- Jérôme KOUASSI, Professor, University Félix Houphouët-Boigny (Côte d'Ivoire)
- Mamadou KANDJI, Professor, Cheick Anta Diop University (Sénégal)
- LOUIS Obou, Professor, Félix Houphouët-Boigny University (Côte d'Ivoire)
- Pascal Okri TOSSOU, Professor, Abomey-Calavi University (Bénin)
- Pierre MEDEHOUEGNON, Professor, Abomey-Calavi University (Bénin)
- René GNALEKA, Professor, University Félix Houphouët-Boigny (Côte d'Ivoire)
- Yao Jérôme KOUADIO, Professor, Alassane Ouattara University (Côte d'Ivoire)

## Table of contents

	Pages
SILUE Ténéna Mamadou, Thatcherism and Family Strife in Jonathan Coe's <i>What a Carve UP!</i> .....	p.1
Tchinele D. Joseph Sévérant , Deconstrucción del Ilusionismo Moderno/Occidental en <i>Akon y Belinga de Inongo-Vi-Makomè</i> .....	p.11
El Hadji Omar THIAM, Alienacão e Afirmação : Un Olhar Comparativo Sobre a Personagem <i>Mulata Nos Romances o Mulato</i> de Aluisio de Azevedo e Nini, <i>Mulâtresse</i> du Sénégal de Abdoulaye Sadjì .....	p.22
Cyriaque Akomo-Zoghe, De Los Fang a Los Afrocolombianos : Una Aproximación a La Representación Mitológica De La Muerte .....	p.31
A. Mia Élise ADJOURMANI, Regards croisés sur l'esclavage : récits testimoniaux Africain Américain et Africain francophone .....	p.44
Demgne Isabelle Valérie "L'éprouver" dans <i>Isabelle</i> d'André Gide .....	p.56
Nicolas Balutet, C'était Marcus Garvey .....	p.68
Yanick FEPEKAM NOUPAYIE, Reconfiguration du nationalisme Camerounais dans <i>Empreintes de Crabes</i> de Patrice Nganang .....	p.78
KOUASSI Tanoh Valéry, Temporalités et disqualification du l'alimentation chez les accompagnants à l'unité oncologie pédiatrique du CHU de Treichville .....	p.89
WABIY SALAWU ( <i>PhD</i> ),Corruption ou culture dominante dans <i>L'homme rompu</i> de Tahar Ben Jelloun (1994) .....	p.101
Ibrahima Khalilou Diagne, Interdits liées à la confection de la céramique en milieu Wolof dans les localités de Tivaouane et Kébémér au Sénégal. Regard ethnographique .....	p.109
Papa Samba Ndiaye, Le héros racinien: un être à géométrie variable .....	p.124
SECKA GUEYE, Le réalisme militant chez Sembène Ousmane .....	p.134
Eric MOUKODOUMOU MIDEPANI, L'initié dans le destin d'un guerrier de Joseph Bill Mamboungou .....	p.144
Arsène MAGNIMA- KAKASSA, Le vieux nègre et la médaille: entre colonialisme et postcolonialisme .....	p.158
Tiako Djomatchoua Murielle Sandra, Crimes et châtiments surnaturels chez Djibi Thiam et Seydou Badian : une lecture de <i>Ma sœur la panthère</i> et les noces sacrées .....	p.169
ASSANA BRAHIM, Périphérie de la poésie camerounaise contemporaine : stratégies de la rhétorique publicitaire du positionnement du péritexte.....	p.180
Delphe Kifouani NKOUIKANI, Le temps des héroïnes: rapports de sexe, pouvoirs et résistance des femmes dans <i>Félicité</i> d'Alain Gomis .....	p.191

ALIENAÇÃO E AFIRMAÇÃO: UM OLHAR COMPARATIVO SOBRE A PERSONAGEM MULATA NOS ROMANCES *O MULATO* DE ALUÍSIO DE AZEVEDO E *NINI, MULÂTRESSE DU SÉNÉGAL* DE ABDOULAYE SADJI

El Hadji Omar THIAM  
 Université Cheikh Anta Diop de Dakar – Sénégal  
 Département de Langues et Civilisations Romanes

**Resumo**

O nosso estudo da personagem mulata incide sobre os romances *O Mulato* de Aluísio de Azevedo e *Nini, mulâtresse du Senegal* de Abdoulaye Sadji. Estes romancistas colocam esta personagem no centro das suas narrativas em períodos de dominação branca. Pioneiro do naturalismo no Brasil, Aluísio de Azevedo publicou *O Mulato* em 1881 no sentido de pôr a nu a existência dos negros e mulatos de São Luís do Maranhão em tempo de escravidão. Quanto a Abdoulaye Sadji, ele conta em *Nini, mulâtresse du Senegal* (1951) a vida das mulatas de Saint-Louis no Sénégal, através da personagem que dá nome ao romance. Aqui abordamos a alienação racial que se manifesta através do racismo de que Raimundo e Nini são vítimas. Estes usam dois meios de afirmação: o trabalho e o casamento mixto. O primeiro permite-lhes ganhar condição material igual a dos brancos. O segundo não se concretiza devido à rejeição da identidade híbrida com base em preconceitos racial, social e religioso. Aluísio de Azevedo e Abdoulaye Sadji vehiculam, através do amor entre personagem mulata e personagem branca, a reconciliação racial, um fundamento na construção de uma nação.

**Palavras-chave:** negro, mulato, branco, alienação, afirmação, reconciliação racial

**Abstract**

Our study of the character of mulatto, deals with the novels *O Mulato* by Aluísio de Azevedo and *Nini, mulâtresse du Sénégal* by Abdoulaye Sadji. These novelists place this character in the center of their stories in a context during which black was under white domination. Aluísio de Azevedo, leader of naturalism in Brazil, published *O Mulato* in 1887 to tell the story of black and mestizo's lives from São Luís do Maranhão during slavery. As far as Abdoulaye Sadji is concerned, he represents the existence of the female mulatto of Saint-Louis in Senegal under French colonization, through Nini character. It is a about approaching the racial alienation which manifests itself through racism that Raimundo and Nini characters are victims of. To get out of this situation, these characters resort to two means of affirmation: work and mixed marriage. Indeed, the first one has allowed them to be at the same level of comfort as whites. As for the second, it could not materialize because of the rejection of the hybrid identity in a context where the supremacy of the white race is very assertive. Aluísio de Azevedo and Abdoulaye Sadji show through the love between mixed character and white character, racial reconciliation, a fundamental pillar in building anation.

**Key-words:** black, mulatto, white, alienation, affirmation, racial reconciliation.

## INTRODUÇÃO

No que diz respeito à temática transatlântica do «encontro racial», a nossa contribuição focaliza-se no estudo da condição preconceituosa do mulato nos romances *O Mulato* de Aluísio de Azevedo e *Nini, mulâtresse du Sénégal* de Abdoulaye Sadjí. Da relação fisiológica entre branco e negra ou entre negro e branca nasceu um ser partilhado entre referências históricas antagonistas e aspirações sociais complexas. Basta revisitarmos os contextos em que estes romances foram publicados para uma melhor compreensão dos limites sócio-históricos impostos ao mulato.

Nascido em 1857 em São Luís do Maranhão, Aluísio de Azevedo inaugurou a corrente literária naturalista no Brasil com a publicação de *O Mulato* em 1881. Situado em tempo da escravidão, o romance conta a história de Raimundo, filho bastardo do fazendeiro branco José Pedro da Silva e da sua escrava negra Domingas. Quando nasceu o mulato, o pai era casado com Quitéria Inocência de Freitas Santiago, uma senhora racista. Para salvar Raimundo dos maus tratos da madrastra, José é obrigado a enviá-lo para Lisboa para se formar em direito. Concluídos os estudos, ele regressa a São Luís do Maranhão. Não tarda em amar a sua prima Ana Rosa. Manuel Pedro, pai da filha e irmão do pai de Raimundo, opõe-se ao casamento e pensa em dar a mão desta a Luís Dias, o seu empregado branco. Em consequência, os dois amantes resolvem fugir. Para impedir a realização do projeto, Luís Dias mata Raimundo da Silva.

Quanto a Abdoulaye Sadjí, ele veio à luz em 1910 na cidade de Rufisque, no Senegal. Publicou *Nini, mulâtresse du Sénégal* em 1951, sob a colonização francesa. Desenrolando-se em Saint-Louis no Senegal, a história gira em volta de uma mulata chamada Nini, representante da classe das *Signare*<sup>2</sup>. De nascimento Virginia Maerle, a menina torna-se uma celebridade num ambiente maioritariamente negro. Vive com a tia Hortense e a avó Hélène, ambas mulatas. Aos 22 anos, namora com o seu colega Jean Martineau. O sonho dela é casar com um branco para assim reencontrar as suas raízes francesas, mas isso não se realiza devido ao regresso a França do amante que a deixou desiludida e perdida. Por fim a morte de Hélène obriga a neta a vender a herança materna com objectivo de imigrar para França procurar novos horizontes. Em resumidas contas, podemos afirmar que o estudo destes dois romances leva a cabo dois aspetos similares: a dominação social do branco possibilitada pela escravidão no Brasil e a colonização no Senegal.

O nosso estudo comparativo da condição do mulato tendo como pano de fundo os contextos já apontados, interessa-se pela pretensão universalista das produções literárias dos dois escritores. Já no prefácio de *O Mulato*, Aluísio de Azevedo escreve: «O mulato vêm de novo à tona da publicidade e agora que ele já não pertence à província nenhuma mas sim ao público aberto, ao público do Rio de Janeiro, a quem devo tudo» Aluísio de Azevedo (1964, p. 6). Na nota prévia de *Nini, mulâtresse du Sénégal*, podemos ler: «Nini est l'éternel portrait

---

<sup>2</sup>- A *Signare* é o nome que se costuma dar à mestiça de Saint-Louis. Torna-se ao longo do tempo o símbolo do encontro harmonioso entre o colonizador francês e o colonizado senegalês. Assumindo a sua hibridiz física e moral, ela é referência hoje em dia de beleza, galanteria e alta civilização para a mulher senegalesa.

moral de la mulâtresse, qu'elle soit du Sénégal, des Antilles ou des deux Amériques» Abdoulaye Sadjí (1988, p. 7). Aqui, os dois romancistas predizem a viagem das suas obras pelo tempo e o espaço. Além disso, o nosso assunto levanta três questões que dizem respeito à alienação e à afirmação de Raimundo e Nini, personagens respectivas de *O Mulato* e *Nini, mulâtresse du Sénégal*: O que caracteriza o universo físico e social destas personagens? Que meios de afirmação usam perante os fundamentos racistas da sociedade? Que mensagem ideológica veiculam Aluísio de Azevedo e Abdoulaye Sadjí através destas personagens. Responder a estas perguntas necessita implementar uma abordagem baseada numa análise comparativa de textos extraídos dos romances acima referidos tendo em conta o contexto político, social e literário. A nossa análise comparativa versa sobre a alienação em primeiro lugar e a afirmação em segundo lugar.

### 1. A ALIENAÇÃO DA PERSONAGEM MULATA

Aluísio de Azevedo e Abdoulaye Sadjí são romancistas empenhados na luta contra a alienação sócio-económica gerada por sistemas políticos totalitários. O primeiro usa a escrita como arma política de denúncia da escravidão sob o regime monárquico no final do século XIX incluindo a ação nefasta do clero. O segundo, um dos pioneiros do movimento da negritude<sup>3</sup>, serve-se também do punho para se inscrever no programa de luta contra a colonização e as suas consequências sócio-culturais desastrosas. Aqui a criação da personagem mulata é pretexto para uma análise crítica dos preconceitos e desigualdades sociais. Colocada num universo social em que a supremacia branca é total, ela tem consciência da sua condição e dos limites que lhe são impostos. Logo no início de *O Mulato* e *Nini, mulâtresse du Sénégal*, nota-se um foco sobre o universo social desta personagem, universo caracterizado por contrastes e oposições entre negro e branco. Na seguinte descrição de São Luís do Maranhão, a miséria dos negros opõe-se à opulência dos brancos:

Era um dia abafado e aborrecido. A pobre cidade de SãoLuís do Maranhão parecia entorpecida pelo calor. Quase que se não podia sair à rua: as pedras escaldavam; as vidraças e os lampiões faiscavam ao sol como enormes diamantes, as paredes tinham reverberações de prata polida; as folhas das árvores nemse mexiam; [...] Em certos pontos não se encontrava alma viva na rua; tudo estava concentrado, adormecido; só os pretos faziam as compras para o jantar ou andavam no ganho. [...] Do outro lado da praça da Alegria , uma preta velha, vergada por imenso tabuleiro de madeira, sujo, seboso, cheio de sangue e coberto por uma nuvem de moscas, apregoava em tom muito arrastado e melancólico: Fígado, rins e coração!. Era uma vendedeira de fatos de boi. As crianças nuas, com as perninhas tortas pelo costume de cavalgar as ilhargas maternas, as cabeças avermelhadas pelo sol, a pele crestada os ventrezinhos amarelentos e crescidos, corriam e guinchavam, empinando papagaios de papel. Um ou outro branco, levado pela necessidade de sair, atravessava a rua, suado, vermelho, afogueado, à sombra de um enorme chapéu-de-sol.[...] O quintandeiro, assentado sobre o balcão, cochilava a sua preguiça morrinhenta, acariciando o seu imenso e espalhado pe descalso. Aluísio de Azevedo (1964, p. 33).

<sup>3</sup> - Abdoulaye não teorizou como Léopold Senghor a negritude mas apela à sua concretização no quotidiano, isto é a afirmação das tradições e costumes autênticos dos negros para desmentir os preconceitos racistas.

Neste fragmento, o narrador descreve detalhadamente a cidade de São Luís do Maranhão em pleno dia, insistindo no calor. Este determinismo temporal impõe um destino implacável aos maranhenses. Neste quadro coexistem separadamente negros e brancos. Os negros defrontam o calor sem protecção nenhuma para sobreviver dos magros frutos do trabalho; eles arriscam a vida na insalubridade («imenso tabuleiro de madeira, sujo, seboso, cheio de sangue e coberto por uma nuvem de moscas») e negligenciam as crianças malnutridas. A recorrência à animalização («cavalgar asilhargas maternas») dá um cunho pessimista à existência destas pequenas criaturas sem futuro. No entanto, os brancos abastados protegem-se dos raios do sol e apenas saem para fazer compras. Do alto dos balcões, sinónimos de elevação e superioridade, os brancos olham despreocupadamente para a miséria calorosa dos negros. Nestas contradições existenciais, o mulato Raimundo sofre um choque duplo: choque psicológico ao ver os seus irmãos negros em condições miseráveis e choque racial por ser rejeitado pelos brancos. A mesma situação contraditória é visível na descrição que se segue:

Un matin du mois de février, jour quelconque, sombre, brumeux à cause du froid et parce qu'en ce mois de l'année, comme pendant les deux ou trois qui le précèdent, les nuits sont plus longues que les jours. Les coqs, trompés par la nuit qui se prolonge, n'ont cessé leurs appels. [...] depuis six heures Nini la Mulâtresse est levée. C'est l'heure à laquelle sa grand-mère et sa tante vont à la messe du matin. [...] Mais comme son emploi du temps ne prévoit rien pour ce moment de la journée, Nini va sur le balcon et s'abîme dans une vague contemplation. Devant elle, en bas, au bord du fleuve, des négresses, après avoir vidé leurs poubelles, se lavent les pieds, les mains, font leurs ablutions. Quelques-unes enlèvent leur camisole et leur pagne, se baignent furtivement en jetant l'eau sur leur dos, sur leurs hanches, sur leur ventre. La pudeur est sauvegardée par la demi-obscureté qui persiste après les dernières lueurs de l'aube. Des hommes arrivent aussi, s'immobilisent un moment dans une position semi-assise, puis se lèvent et disparaissent. Sur toutes ces scènes flotte comme une vague atmosphère à la fois obscène et sacrée. Abdoulaye Sadjí (1988, p. 9).

No trecho acima referido, o narrador aponta o ambiente social de Saint-Louis na estação do frio. As actividades matutinas das mulatas contrastam com as das negras. Embora seja considerada como negra pela população branca, Nini ganha comportamentos e atitudes das mulheres brancas através da educação recebida da avó Hélène, «mulâtresse de première classe» Abdoulaye Sadjí (1988, p. 57). Aproveitando um banho de ar fresco de Nini no seu balcão, o narrador fotografa as negras de raiz banhando-se nuas nas águas do rio. Parecidas com animais que matam sede após uma longa caminhada, elas purificam-se diariamente dos pecados e sofrimentos. Do olhar vagaroso de Nini, notam-se três partes do corpo da negra dignas de interesse: o dorso, os quadris, a barriga. Na cultura tradicional de Saint-Louis, o dorso é a cama do bebé; os quadris opulentos podem ser entendidos como marcas de fertilidade; a barriga representa um espaço de procriação. Numa palavra, a referência a estas partes traduz o papel social da negra na sociedade senegalesa sob a dominação colonial, papel que se resume na procriação e no cumprimento dos deveres para com o homem. Demais, este papel rejeitado por Nini encontra alicerce na crença tradicional que está a ser ameaçada por um vento leve de mudanças. Isso se revela através do uso do oxímoro «obscène et sacrée».

Em síntese, reparamos que as personagens vivem em condições sócio-económicas antagonistas. Os negros, miseráveis, trabalham duramente para sobreviver e defrontam os

rigores climáticos (o calor tropical de São Luís do Maranhão; o frio extremo de Saint-Louis). Os brancos e os mestiços tentam escapar ao determinismo temporal. A referência a este determinismo aponta para a estética naturalista que sujeita o Homem a elementos que escapam ao seu controle: a raça, o meio, o tempo<sup>4</sup>. Aluísio de Azevedo pertence a esta corrente e Abdoulaye Sadjí se declara grande leitor do naturalista francês Guy de Maupassant: «Mes lectures de Maupassant m'ont permis de découvrir l'univers des sens, le monde des ambivalences et des sensations bornées aux voluptés tangibles et la beauté des femmes troublées par l'aiguillon d'une subite tristesse» Abdoulaye Sadjí (1949, p. 139). Outra alienação presente nos romances em estudo é o racismo. Este vicia as relações entre as personagens de cores diferentes. N' *O Mulato*, após a morte de Domingas, o seu filho bastardo Raimundo foi acolhido pelo pai branco José da Silva em sua casa, de braços abertos. A madrasta, furiosa, inflige-lhe maus tratos e vomita insultos continuamente:

Um dia reparou [Dona Quitéria Inocência de Freitas Santiago] que o marido [José da Silva], a título de padrinho, distinguia com certa ternura o crioulo da Domingas, e declarou logo que não admitia, nem mais um instante, aquele moleque na fazenda. - Seu negreiro! – gritava ela ao marido, fúria de raiva. – Você pensa que lhe deixarei criar, em minha companhia. Os filhos sujos que você tem das negras? José, que sabia perfeitamente de quanto ela era capaz, [...] procurou seu irmão mais moço, o Manuel Pedro, e entregou-lhe o pequeno, que ficaria sob as vistas do tio até ter idade para matricular-se num colégio de Lisboa. Aluísio de Azevedo (1964, p. 69).

Com base em preconceitos raciais e morais, Dona Quitéria detesta Raimundo. Para ela, a cor negra é sinónimo de sujidade, bestialidade e servidão. O seu desprezo pela metade negra do rapaz cria uma situação de violência física e verbal. As bofetadas e os insultos traduzem a crueldade de uma senhora devota que nunca falta à missa matutina. Este contraste que exige do leitor uma atenção particular participa da crítica da religiosidade pelo facto de os actos quotidianos da dama contradizerem os actos de devoção. Também se coloca a questão do nascimento de Raimundo. Fruto de uma relação social e religiosamente proibida, ele sofre uma condenação moral. É importante lembrar que, na época já referida, o filho ilegítimo era considerado pelo clero como uma impureza moral rebaixada na organização social:

A flagrante contradição entre o estatuto legal e a realidade brasileira não parece preocupar os legisladores que depois de proclamarem na carta a abolição da escravidão passaram a declará-la em frases sonoras e vazias. [...] Aboliam-se as torturas, mas, nas senzalas os negros e seus filhos ilegítimos continuavam a ser usados em nome de pretendidas considerações religiosas. Carlos Mota (1969, pp. 124-125).

Aluísio de Azevedo rejeita a condenação de Raimundo mostrando a hipocrisia do clero representado no romance pelo padre Diogo. Este acaba por cair no adultério com a Dona Quitéria, uma burguesa exemplar na aparência. Também são notáveis palavras racistas em

---

<sup>4</sup> L'école naturaliste affirme que l'art est l'expression de la vie sous tous ses modes et à tous ses degrés, et que son but unique est de reproduire la nature en l'amenant à son maximum de puissance et d'intensité : c'est la vérité s'équilibrant avec la science. Le milieu et la race associés aux circonstances incontrôlables sont à l'origine de toutes les surprises dégradantes ou renaissantes de la vie individuelle ou collective.



*Nini, mulâtresse du Sénégal*, vindo desta vez da mulata Nini que rejeita a sua metade negra. Basta analisarmos a seguinte cena decorrendo em plena rua:

Une nègresse, en passant, vient de la bousculer. Nini la contemple avec mépris, avec haine et l’apostrophe: Dis donc, la «djiguène»<sup>5</sup>, tu ne peux pas faire attention! Comme la femme continue son chemin sans s’émouvoir, Nini grommelle: Qu’elles sont bêtes! Aucune éducation! Petit incident de la rue qui arrive tous les jours, mais la moindre maladresse commise par un Noir passe pour un scandale aux yeux des mulâtresses de Saint-Louis. Abdoulaye Sadj (1988, p. 19).

Aqui, uma negra andando apressadamente à procura de pão atropela Nini. Esta aproveita o incidente para vomitar o seu ódio pelas negras de Saint-Louis. Nas palavras da rapariga, podemos reparar um preconceito negativo: a falta de educação das negras. Entramos, então, na percepção do indivíduo como sendo moldado pelo colectivo, percepção que o colonizador impõe para manter a maioria negra em condição de inferioridade. Assim, Nini recusa assumir de maneira consciente e reativa as suas raízes negras para se situar na posição da minoria branca: «il est vrai que Nini est «café au lait»” presque blanche, «un café au lait» dans lequel le café a été nettement absorbé, assimilé par le lait» Abdoulaye Sadj (1988, p. 41). Este viver de Nini nos coloca frente a uma ambivalência de quem precisa viver ora no mundo das sombras aos ritmos do tambor, ora no mundo das luzes com seus bailes e salões. O fascínio pelo modo de viver do colonizador branco leva-a a escolher o caminho para a afirmação.

## 2. A AFIRMAÇÃO DA PERSONAGEM MULATA

Podemos encontrar, sem dúvida, traços de esperança nestes romances, que se convertem em novas estradas, em novos horizontes. Vítimas de alienações impostas por sistemas sócio-políticos que Aluísio de Azevedo e Abdoulaye Sadj combatem, as personagens estereotipadas de Raimundo e Nini empenham-se na redefinição da condição da gente mulata. Para isso eles recorrem a dois meios de afirmação: o trabalho e do casamento. Em primeiro lugar, o trabalho proporciona-lhes estatuto profissional reconhecido e respeitado. Com efeito, Raimundo, após um curso brilhante em Lisboa, onde «os colegas lhe chamavam Macaquinho» Aluísio de Azevedo (1964, p. 52), consegue arranjar um emprego, o de conselheiro em direito. Esta ascensão social permite-lhe visitar sucessivamente a Espanha, a Itália, a Suíça, a Alemanha e a Inglaterra. De regresso, ele prega ideias abolicionistas e positivistas: «Raimundo afiançou que admirava a natureza e rendia-lhe o seu culto, procurando estudá-la e conhecê-la nas suas leis [...], acompanhando os homens de ciência nas suas investigações» Aluísio de Azevedo (1964, p. 202).

Quanto a Nini, ela se torna dactilógrafa depois de ter concluído os seus estudos no liceu Petavin em Saint-Louis. Esta profissão dá-lhe uma independência financeira igual a das brancas. Passar as férias em Franca, frequentar os cinemas e bares, receber em casa o amante branco Matineau fazem parte da vida da menina: «ses distractions se limitent au cinéma, au dancinget à quelques soirées passées dans l’intimité avec Martineau et Perrin» Abdoulaye

<sup>5</sup> - *djiguène* é nome da língua *wolof* do Senegal que se dá a uma mulher ordinária ou uma mulher com pouca moralidade.

Sadji (1988, p. 49). Através da realização pelo trabalho, Aluísio de Azevedo e Abdoulaye Sadji apelam em filigrana ao fim do regime de trabalho servil e sobretudo à educação dos negros e dos mestiços. O incentivo à educação destes tem como implicação a igualdade em capacidades intelectuais, em direitos e deveres. Mas é importante notar que a afirmação das personagens referidas não consegue eradicar o racismo fortemente enraizado nas mentalidades da maioria branca de São Luís do Maranhão e da minoria branca da cidade de Saint-Louis do Senegal. Por isso o sonho de se casar com uma personagem branca habita Raimundo e Nini, representantes respectivos de todos os mulatos do Brasil e do Senegal.

Em segundo lugar, o casamento enquanto encontro de raça dominante e raça dominada se encontra desenvolvido nos romances *O Mulato* e *Nini, mulâtresse du Senegal*. Na sua busca de existência digna, Raimundo e Nini concentram o olhar no modo de viver dos brancos. Na opinião de Frantz Fanon, «O olhar que o colonizado lança sobre o colono branco é um olhar de luxúria, um olhar de inveja. Sonhos de posse. Todas as modalidades de posse: sentar-se à mesa do colono, deitar-se no leito do colono, com a mulher deste, se possível» Frantz Fanon (1979, p. 29). Sonho e olhar da personagem mulata encaminham, segundo o narrador do romance *Nini, mulâtresse du Sénégal*, para um só objectivo: «Le grand rêve qui les hante est celui d'être épousées par un blanc d'Europe. On pourrait dire que tous leurs efforts tendent vers ce but qui n'est presque jamais atteint» Abdoulaye Sadji (1988, p. 95). Aliás, dois diálogos mostram atitudes hostis à realização do casamento mixto. O primeiro envolve Ana Rosa e a avó em crise profunda quando a neta lhe noticiou o seu desejo de se casar com o mulato Raimundo:

Mas a avó saltava-lhe logo em cima:

- Parece que ficaste meio sentida com o que se passou! ... Pois olha, se tivesse de assistir ao teu casamento com um cabra, juro-te, por esta luz que está nos alumando, que te preferia uma boa morte, minha neta! Porque serias a primeira que na família sujava o sangue! Deus me perdoe, pelas santíssimas chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo! – Gritava ele, pondo as mãos para o céu e revirando os olhos. – Mas tinha ânimo de torcer o pescoço a uma filha que se lembrasse de tal, credo! Que nem falar nisto é bom! E só peço a Deus que me leve quanto antes, se tenho algum dia de ver, com estes olhos que a terra há de comer, descendente meu coçando a orelha com o pé!  
Aluísio de Azevedo (1964, p. 243).

Neste trecho, as palavras da avó evidenciam dois preconceitos racistas: a pureza do sangue do branco e o sangue maculado e selvagem do mulato. Para ela, unir pureza e sujidade é sinónimo de degenerescência da família Silva e, numa visão mais ampla, de violação da tradição burguesa herdada por Ana Rosa. Estes preconceitos baseados em percepções religiosas constituem elementos determinantes no conhecimento da sociedade brasileira de então, sociedade que rejeitava a hibridez no amor, o que leva o romântico Bernardo Guimarães, criador da escrava mulata Isaura que dá nome ao seu romance, a escrever: «Nós os brasileiros somos um povo híbrido. [...] Mas, na nossa consciência nacional encontram-se as tremendas tendências de marginalização de tipos representativos de duas raças» Bernardo Guimarães (1975, p. 8). Percebe-se que a mestiçagem desprovida das considerações que a maculam, é união natural de tradições, costumes, no princípio, diferentes ou inimigos.

O segundo diálogo passa-se à beira de um mar, numa noite agradável e estrelada em que a esplêndida clareira desenhando ao longo das árvores sombras gigantes se alastra pela cidade de Saint-Louis do Senegal. Neste quadro, Nini abalada por extraordinária resolução aproxima-se de Jean Martineau e revela o desejo ardente e sincero de ser a sua esposa:

La mulâtresse s’approche de lui, pose sa tête contre son épaule de manière à lui faire sentir le parfum fauve de ses cheveux flottants. Puis tous les deux contemplent en silence le tableau grandiose qui s’offre à leurs yeux noyés d’ombre. Puis elle cherche des phrases savantes ou poétiques et, n’en trouvant pas, secoue sa tête et ajoute: En tout cas je t’aime davantage, mon chéri. Mais il y a une question que je n’ose te poser parce que je ne veux pas empoisonner notre amour...Quelle est cette question? demande Martineau, les yeux dans le vague. Tu sais, mon Jean chéri, je t’aime tant. Je ne voudrais plus me séparer de toi... Si tu pouvais me rendre heureuse en m’emmenant bien loin d’ici... Tu verrais comment nous serions heureux tous les deux. Oui, ma petite Nini, mon oiseau des îles, je t’épouserai; sois sans crainte. Tu seras ma femme légitime. Abdoulaye Sadj (1988, pp. 156-157).

Aqui, Nini pensa encontrar no casamento esperado um meio de afirmação que se resume na conquista de direitos iguais aos das brancas. Isso passa por uma união legítima que repousa em motivação moral e no instinto sexual da mulata. O que quer a mulata é lavar a mancha ilegítima do nascimento por um casamento legítimo entendido como reconhecimento por parte da moral cristã. Demais, o apetite sexual de Nini constitui uma forma de afirmação do seu corpo comprometido. Nota-se em filigrana um preconceito então vivo em Saint-Louis do Senegal que se referencia à sexualidade debordante e selvagem da mulata. O uso do campo lexical animalesco para descrever Nini («parfum fauve»; «oiseau des îles») ilustra este preconceito. Noutro trecho do romance, o narrador diz explicitamente que «les charmes d’une mulâtresse sont puissants. On les doit d’abord à une hérédité double: hérédité nègre qui permet en amour des gestes pleins de lenteur et de souplesse ...Hérédité occidentale qui greffe sur ce fonds les apports d’une éducation française reçue ou copiée» Abdoulaye Sadj (1988, p. 154). Apesar de ela usar os saldos poderosos do corpo («ses formes avantageuses e remuantes»), Nini não consegue realizar o seu ideal de vida: «devenir une créature humaine débarrassée de tout artifice, humble et consentante et perdre les ressorts montés en elle par son milieu et sa situation équivoque entre deux races qui l’ont engendrée et qui paraissent toutes les deux la renier» Abdoulaye Sadj (1988, p. 157). Pois Martineau acaba por abandonar a mulata abrindo-lhe assim caminho para o desencanto pela organização social sob a colonização francesa.

Em suma, o casamento não se concretiza por causa dos preconceitos raciais de que sofrem as personagens mulatas de Raimundo e Nini. Mas a verdadeira afirmação reside no amor puro e sincero destas entendido como apelo à transformação da sociedade de então marcada pela proeminência dos valores dos brancos.

## CONCLUSÃO

Inspirados respectivamente na vida maranhense em tempo de escravidão e na sociedade senegalesa sob a colonização, Aluísio de Azevedo e Abdoulaye Sadjí criam tipos sociais (Raimundo e Nini, os mulatos; João da Silva, o burguês grosseiro; Padre Diogo, o religioso hipócrita) para denunciar a alienação humana baseada na ideia de destino já irreversível que rouba ao homem qualquer responsabilidade pelos seus atos. Apesar de eles pretenderem escrever para os leitores do mundo, os dois escritores têm grande mérito de testemunhar daquilo que foi a condição do mulato em tempo da escravidão no Brasil e da colonização no Senegal. Hoje eles continuam a nos questionar sobre a necessidade de redefinir a organização social sem qualquer dominação ou pretendida superioridade.

Para se libertarem dos preconceitos racistas que os alienam, Raimundo e Nini põem em prática um projeto com dois eixos. O primeiro, o trabalho, é sinónimo de independência económica. O segundo, o casamento com uma personagem branca, acaba por se tornar uma tragédia social. Pois Raimundo é morto por Luís Dias, na hora da fuga com Ana Rosa. Nini decide deixar para sempre a cidade de Saint-Louis para Paris, após a morte da avó Helena, sua protetora. Através do casamento contrariado, Aluísio de Azevedo e Abdoulaye Sadjí apelam a uma nova era em que o amor tomará o lugar à frente da civilização, o que permitirá reinventar as relações humanas e banir os sistemas políticos de dominação. Sendo assim as suas escritas se confundem sucessivamente com um projeto nacional pós-abolição e pós-independência que busca traçar uma identidade que une a nação através da literatura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azevedo Aluísio de (1964) *O Mulato*, São Paulo, Livraria Martins Editora.
- Guimarães Bernardo (1975) *A escrava Isaura*, Rio de Janeiro, Livraria Martins, 2ª edição.
- Fanon Frantz (1979) *Os condenados da terra*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, trad. Laurênio de Melo, 2ª edição.
- Mota Carlos Guilherme (1969) *Brasil em perspectiva*, Rio de Janeiro-São Paulo, DIFE, 10ª edição.
- Sadjí Abdoulaye (1988) *Nini, mulâtresse du Sénégal*, Paris, Présence Africaine.
- \_\_\_\_\_ (1942) «L'évolution culturelle de l'Afrique Occidentale Française. Un point de vue» in *Dakar-jeunes*, nº12, pp. 3-8.
- \_\_\_\_\_ (1949) «Littérature et Colonisation» in *Présence Africaine*, Paris, N° 6, p. 139-142.